

HISTÓRIA E CULTURAS

“NÃO JOGUEI A COPA DE 1974 POR DESGOSTO COM O REGIME POLÍTICO DO PAÍS”: A DITADURA MILITAR E AS REPRESENTAÇÕES BIOGRÁFICAS DE PELÉ.

Nathan Pereira Barbosa¹

Resumo:

O objetivo desse artigo é construir análise a partir do levantamento de narrativas sobre o jogador de futebol Edson Arantes do Nascimento (Pelé) e sua relação com as estruturas de poder do regime militar brasileiro (1964 – 1985). A partir do cruzamento de narrativas comparadas historicamente, foi possível detectar diferentes leituras sobre seu papel enquanto ídolo brasileiro que viveu o auge profissional durante os anos de Ditadura. As narrativas travam disputas de memória e representações distintas do ídolo que, no campo dos discursos identitários, destaca-se como uma alegoria da nação e do tipo nacional ideal. Nos extremos do debate, busca-se ora esvaziar seu peso histórico e reduzi-lo a figura de um “colaborador” do regime, ora celebrá-lo como “subversivo”.

Palavras-Chave: narrativa, memória, nação, ditadura, Pelé.

Abstract:

This article builds an analysis from the survey of narratives about the football player Edson Arantes do Nascimento (Pelé) and his relationship with the power structures of the Brazilian military regime (1964 - 1985). From the crossing of historically compared narratives, it was possible to detect different readings about his role as a Brazilian idol who experienced his professional peak during the years of military rule. The narratives involve disputes of memory and different representations of the idol who, in the field of discourses, stands out as an allegory of the nation. At the ends of the debate, the aim is now to empty its historical weight and reduce it to the figure of a “collaborator”, now to celebrate it as “subversive”.

Keywords: narrative, memory, nation, dictatorship, Pelé.

Introdução

Uma questão que periodicamente volta ao debate público, ora pela imprensa, ora pelos biógrafos de Pelé, diz respeito à sua relação com o Regime Militar no Brasil (1964-1985). Ora, considerando que Pelé carrega no corpo o peso de ser um dos principais agentes mobilizadores de discursos de identidade nacional, a discussão sobre seu papel durante a Ditadura ganha contornos de disputa de projeto de nação, afinal, tais interpretações possuem um acentuado uso político da memória e chegam, com maior ou menor intensidade, ao debate público. No centro do debate pelo biográfico e sentido de nação, as representações são as mais variadas possíveis, mas que podem ser condensadas entre os polos: “colaborador e divulgador do Regime assassino” versus “ídolo de coragem que ousou contrariar os militares”.

E Pelé? Como tem se pronunciado a respeito disso e, mais importante, como tem visto e entendido seu lugar durante os anos de governo militar? Os silêncios, as escolhas e a predominância

¹ Doutor Em História Social pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ)

ou até mesmo o descrédito dado a uma ou outra vertente é fruto dos embates pela memória que, como já enfatizei, se movem também a partir de um debate mais amplo sobre o Brasil. Dito isso, apresento a seguir alguns olhares a respeito desse processo. Escolho como recorte inicial a década de 70, contexto ditatorial em que se deu o momento máximo da carreira do jogador santista e da Seleção (em razão do tricampeonato mundial), o qual, mesmo a despeito de toda a glória, não passou ileso às críticas que procuravam desconstruir sua imagem como representação do Brasil. Em seguida, analisarei algumas narrativas contemporâneas que procuram fazer releituras da postura política de Pelé como resposta às narrativas dos anos 70 que, até hoje, ainda sobrevivem com considerável popularidade.

Pelé “jogando na defesa da Revolução”: a memória que construiu e amplificou a ideia de aliado do regime:

A tradição do futebol brasileiro é lembrada em diferentes meios de divulgação. As biografias dos jogadores parecem espaços privilegiados para compreendermos a forma como essa tradição é construída, pois os autores devem criar motivos e racionalizações para dar sentido às trajetórias individuais. Em outra direção, os autores destacam traços e aspectos singulares da vida de certos jogadores que acabam por revelar valores e significados coletivos da cultura na qual o biografado está inserido.²

A fala de Antônio Jorge Soares ressalta a importância do estudo de narrativas biográficas de grandes personalidades públicas, em especial, jogadores de futebol que, no Brasil, encontram solo fértil para invenção de tradições e construção de novas identidades. Como bem apontou Soares, quem manipula as narrativas acaba por trazer à tona certas particularidades da vida desses indivíduos que revelam traços do contexto cultural em que a intriga foi produzida. No caso de Pelé e sua relação com a ditadura, isso pode ser percebido em diferentes momentos em que o contexto histórico foi, como demonstrarei, determinante para que se pudesse ter diferentes abordagens. Cada uma reivindicará para si um determinado discurso que pode ter em Pelé e na ideia de um herói símbolo da liberdade ou, por outro lado, o antimodelo de cidadão consciente.

Na mesma direção que Soares, o historiador Helder Macedo de Held observa que o pesquisador que se debruça sobre os escritos biográficos de um indivíduo, tem em mãos um rico material em que pode debruçar-se no entendimento da sociedade os gerou. Ressalto que entendo por “narrativas biográficas” não somente os livros que narram histórias de vida, e sim os materiais que pretendem atualizar tal memória biográfica. Dessa maneira, conforme afirma Held, a presente

2 BARTHOLO, Tiago Lisboa; SOARES, Antonio Gonçalves. Mané Garrincha como síntese da identidade do futebol brasileiro. In: HELAL; LOVISOLO; SOARES. **Futebol, Jornalismo e Ciências Sociais: interações**. Rio de Janeiro: eduerj, 2011.

HISTÓRIA E CULTURAS

análise das fontes possibilitou a compreensão da disputa no campo dos discursos, bem como do contexto de tais materiais.

A história postula ao historiador a discussão do papel desempenhado pelo indivíduo na história, essa preocupação torna evidente a sua relação com a coletividade, com o grupo que o cerca. Ao voltar seu olhar e atenção às histórias de vida, o estudioso do passado favorece seu conhecimento do cenário social constituído no período, torna os estudos das biografias um meio de conhecer as ligações construídas entre o indivíduo e o seu contorno.³

Esse conhecimento do “cenário social” que gerou a narrativa biográfica, passa necessariamente por uma discussão sobre o tempo e a memória, posto que, como escreveu Beatriz Sarlo, o ato de narrar o passado não escapa às demandas sociais do presente, que acaba funcionando como filtro da memória. Ao longo do capítulo anterior e do presente capítulo, são muitos os exemplos de narradores da vida de Pelé que interpretaram sua trajetória como resposta aos anseios de seu tempo ou grupo social que pertenciam:

É inevitável à marca do presente no ato de narrar o passado, justamente porque no discurso o presente tem uma hegemonia reconhecida como inevitável e os tempos verbais do passado não ficam livres de uma „experiência fenomenológica” do tempo presente da enunciação. “O presente dirige o passado assim como um maestro, seus músicos”, escreveu Italo Severo. E, como observa Halbwachs, o passado se distorce para introduzir-se coerência.⁴

Dito isso, é importante ressaltar de início que, devido à censura e policiamento do livre pensamento durante os anos mais duros do regime militar, são raríssimos os textos que circularam na grande imprensa no período em questão e que teciam, de fato, alguma crítica à postura de Pelé quanto ao governo. Nesse sentido, o periódico “O Pasquim” se apresentou como voz dissonante e controversa, pois abordou de maneira dura o tema em questão. Com reportagens e entrevistas informais e provocadoras, humor ácido e linguagem não convencional, o jornal marcou época, em especial na década de 60 e 70 pelo seu espírito de combate à Ditadura. Durante muito tempo, Pelé foi alvo sistemático dos cartunistas do Pasquim, inclusive no campo político, terreno em que o acusavam de propagador dos valores do regime militar e traidor do povo.

3HELD, Marcelo. Malba Tahan: homem e personagem. Franca: **anais do XX Encontro Regional de História da ANPUH: História e Liberdade**, 2006.

4 SARLO, Beatriz. **Tempo passado: Cultura da memória e guinada subjetiva**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

HISTÓRIA E CULTURAS



Imagem 01. Charge de Manoel Niama. O PASQUIM, 1977, edição 440, p. 29



Imagem 02. Charge de Santiago. O PASQUIM, 1977, edição 440, p. 30

A razão primária das charges seria a repercussão em parte negativa da decisão de Pelé em jogar nos EUA em 1975 após recusar-se a disputar a Copa de 1974, aos 34 anos, em território alemão. Todavia, as camadas de discurso permitem averiguar que no bojo das críticas ao que se concebia como “ídolo mercantilizado”, havia também um combate ao que o jornal considerava um dos maiores símbolos e rostos do país militarizado. Na primeira imagem, o jogador é representado como um boneco gordo (simbolizando sua fartura financeira) movido à corda em formato de cifrão, o que conota que o dinheiro era a razão única de sua existência e que o mesmo se movimentava de acordo com os interesses de quem o havia “comprado”. Logo em seguida, Pelé é retratado jogando uma partida de futebol pelo time com nome sugestivo de “Classe Dominante Futebol Clube”, pelo qual marca um gol contra o time adversário, “Povo Futebol Clube”. Gol esse efusivamente comemorado por um companheiro burocrata. Mais uma vez, o atleta é comparado a um boneco movido à corda. A ideia de ambas as charges é que Pelé tem sido manipulado e se deixado manipular por setores moralmente podres do sistema capitalista (grandes empresas e governos) ao mesmo tempo em que se nega a jogar pela Seleção. Ao se aliar a essas forças, estaria contribuindo para a exploração do seu próprio povo após aderir a um discurso e uma práxis que reforçavam a manutenção das estruturas ditatoriais de opressão e supressão dos interesses populares.

A charge a seguir é uma das poucas a, de maneira explícita, tomar Pelé como vilão e aliado da Ditadura. O que motivou a onda de críticas foi a suposta frase “o brasileiro não sabe

HISTÓRIA E CULTURAS

votar”, atribuída a Pelé na década de 70 e que acabou, na época, sendo tomada por verdade inquestionável. A frase rendeu críticas por parte do jornal que, quanto ao tema, foi implacável. Antes de prosseguir, é necessário registrar que o próprio Pelé, em sua autobiografia (2006), deu sua versão a respeito das críticas que sofreu na ocasião:

No final da década de 1970 afirmei que os brasileiros precisavam aprender a votar. Foi um escândalo: me acusaram de insultar o povo de dizer que os brasileiros não sabiam votar, ou seja, que eram estúpidos. Na verdade, minhas palavras foram inteiramente distorcidas. Ainda estávamos sob uma ditadura, sem eleições presidenciais diretas. Nossos líderes eram escolhidos por nós. O que eu disse foi que eu apoiava uma mudança em favor de uma maior participação popular no processo político. Jornalistas gostam de criar tempestade em copo d'água.⁵

Datado de um período pós-Ditadura e posterior a todo o processo de conquistas e consolidação democrática, o texto de Pelé também pode ser lido como um reposicionamento no cenário político do passado a partir dos valores democráticos de seu tempo, tendo em vista que ele se coloca como uma voz ativa na luta contra o Regime e na busca por maior participação e representatividade popular. Dessa maneira, ele se posiciona distante dos ditadores. Por outro lado, também não se pode abraçar integralmente a versão de O Pasquim como uma interpretação inquestionável, tendo em vista que também se encontra mergulhada em um complexo jogo de batalhas pela memória e pela tentativa de “desmonte” de Pelé como símbolo nacional positivo.

Em outra charge em O Pasquim, o jogador é representado numa partida em que aparece vestido como burocrata ao lado de outros burocratas que o carregam em sinal de celebração e vitória. A frase “Pelé jogando na defesa da Revolução” remete à ideia de que o jogador, com suas palavras e atitudes, trabalhava para impedir, tal qual um zagueiro, os avanços sociais em tempos de Ditadura Militar. Reforça, ainda, um papel de “capacho” do Regime, sempre pronto a defender os ideais da “Revolução”, assim chamada pelos militares no poder. Além disso, sua aparência pomposa de burocrata rico que sequer pisa no gramado, sugere seu distanciamento do povo, das causas populares e democráticas em nome de interesses econômicos vindos de sua parte, da elite financeira do país e do governo.

⁵ NASCIMENTO, Edson Arantes do. *Pelé – a autobiografia*. Rio de Janeiro: Sextante, 2006, p. 275-276

HISTÓRIA E CULTURAS



Imagem 03. O PASQUIM, 1977, edição 440, p.28

A crítica de O Pasquim, embora estereotipada, possui relativa fundamentação factual. Pelé foi, de fato, muito próximo aos presidentes militares e chegou, em algumas ocasiões, a atuar como uma espécie de representante diplomático não-oficial no exterior, como demonstrarei mais à frente. O fato incomodou o jornalista De Vaney, figura controversa de posicionamentos ultranacionalistas que passou a tentar desconstruir Pelé após este ter se recusado a participar da Copa de 1974. Seu livro “A verdade sobre Pelé”, lançado em 1976, possui abordagem sensacionalista e ufanista dos símbolos nacionais, dentre os quais está a Seleção, a qual, diz o escritor, Pelé profanou ao dizer “não”. A grande revolta do jornalista também residia no fato de considerar Pelé indigno não apenas de servir ao selecionado, mas também de continuar sendo símbolo do Regime, posto que, em sua opinião, Pelé havia esgotado sua capacidade e prestígio ao “desertar” da Seleção em 74. A atitude do jogador também demonstraria traços de sua ingratidão para com o Regime, tendo em vista que, para Vaney, o “mito Pelé” seria fruto da “Revolução” que, após o AI-5 e uma posterior política de censura e exílio, “podou” os “ídolos nacionais”, tendo Pelé assumido o vácuo e ocupado o posto de grande estrela do país:

Pelé é, muito mais, uma contingência de aspecto social do que um fenômeno esportivo. O auge da sua fama começou a ser atingido em 1965, quando um processo de renovação política, podou um a um os ídolos certos ou errados, carismáticos ou não. Órfão de líderes populistas, sem ninguém para amar. [...] Sem ter em quem concentrar sua carga emocional, e sem saber como e a quem fazê-lo, o Brasil – e, até mesmo, em boa parte, o próprio Governo – se apaixonou, até ao paroxismo por Pelé. [...] E Pelé passou a ser [...] o reflexo, o semblante do Brasil, inclusive do Brasil-cultura, do Brasil-ciência, do Brasil-magistério, do Brasil-diplomacia, e, até, do Brasil-poder-judiciário, do Brasil-poder-legislativo, do Brasil-poder-executivo, pelas honras de “CHEFE DE ESTADO” que lhe foram concedidas pelo presidente Emílio G. Médici ou por quem lhe podia fazer a vez, na posse do presidente Ernesto Geisel.⁶

O jornalista, na contramão do que hoje muito se fala, trabalha com uma chave inversa ao que passou a ser propagado após o fim do regime, uma vez que passa a criticar o governo por ter se aliado à Pelé, e não o contrário. É possível perceber na citação os conflitos de memória e a

⁶ NEIVA, Adriano. *A verdade sobre Pelé*. Lithografia Ypiranga, 1976, , p. 23-24; 116-117.

HISTÓRIA E CULTURAS

batalha pelo sentido de nação. Apesar dos exageros típicos do autor, sua fala evidencia as proporções da envergadura simbólica de Pelé como símbolo nacional, e o quanto, pelo menos em sua compreensão, sua imagem estaria institucionalmente associada ao sucesso político do país, sendo usada pelo governo militar em benefício próprio. Apesar de toda a simpatia institucional por Pelé, De Vaney conclui que o jogador não possuía mais nenhum requisito para continuar sendo “o semblante do Brasil”, principalmente do que chama de “Brasil-potência”, pois a condição de Pelé como representação do Brasil acabava por invisibilizar vultos históricos tidos por relevantes e que, em sua opinião, seriam mais dignos de estarem ocupando esse posto simbólico.

O polêmico envolvimento do jogador com a Ditadura também se deu no campo cinematográfico: “Os Trombadinhas”⁷ é um longa de ação policial lançado em 1979, dirigido por Anselmo Duarte (O Pagador de Promessas - 1962) e com diálogos de Carlos Heytor Conny. Os créditos finais apontam Pelé como autor da história, ou seja, como criador da ideia original que foi, obviamente, lapidada e transformada em roteiro cinematográfico por diretor e roteirista. Em sua autobiografia (2006), Pelé confirma essa informação e tece alguns comentários a respeito do propósito da história que criou, deixando transparecer sua ética pautada pela valorização do trabalho:

[...] Os Trombadinhas (1979). Gostei especialmente deste último, participando da elaboração da história. O filme trata do problema das crianças abandonadas. [...] Esperava que o filme ajudasse a tirar as crianças das ruas, as transformasse em pessoas úteis, para o bem delas e da sociedade.⁸

Essa informação possui extrema relevância para a análise, pois o fato da narrativa em seu modo inicial bruto ter sido concebida pelo jogador, evidencia uma intencionalidade de marcar nacional e internacionalmente uma determinada leitura biográfica a seu respeito, a saber: o de protetor, porta-voz e salvador dos menores abandonados. Uma imagem que sempre foi alimentada por ele próprio. Ao mesmo tempo, projetada, em tempos de Ditadura, sua figura como indissociável de um tipo nacional ideal, pois além de modelo para as novas gerações, o jogador também seria o padrão de valores e virtudes necessárias para que indivíduos de conduta desviante pudessem se tornar “cidadãos brasileiros de bem”. Todos esses aspectos ganham ainda mais relevância e são acentuados ao se constatar que, no filme, Pelé faz papel de si mesmo, agora, todavia, não como jogador, mas como ex-atleta e professor de fundamentos de futebol nas categorias de base do Santos FC. Assim, além de ser um filme de ficção, a obra carrega em boa medida muitas nuances do que poderia ser chamado de (cine) autobiografia, além de trazer referências nacionalistas que associam Pelé a um espírito nacional.

7 Segundo o site da Cinemateca Brasileira, há outros títulos alternativos para o mesmo filme, como: “Pelé joga contra o crime” e “Pelé jogando contra o crime”. Link: <http://bases.cinemateca.gov.br/cgi-bin/wxis.exe/iah/?IscisScript=iah/iah.xis&base=FILMOGRAFIA&lang=p&nextAction=lnk&exprSearch=ID=025045&format=detailed.pft>

8 NASCIMENTO, Edson Arantes do. *Pelé – a autobiografia*. Rio de Janeiro: Sextante, 2006, p. 242

HISTÓRIA E CULTURAS

A obra possui a seguinte sinopse: Na cidade de São Paulo do final da década de 1970, crianças e adolescentes em situação de rua passam a ser exploradas e manipuladas pelo criminoso Manteiga, o qual as mantém numa casa abandonada em condições sub-humanas e precárias em troca de alguns trocados. Indignado e cansado da sensação de insegurança e impunidade, Frederico Garcia, um empresário de prestígio, resolve tomar uma atitude após presenciar um assalto praticado por menores: estabelecer parcerias com a polícia, de modo que políticas de prevenção sejam implementadas. Após questionar de que maneira seria possível oferecer ajuda, o empresário é desestimulado pelos policiais, os quais alegam que existem pessoas poderosas e uma complexa rede de interesses por trás dos pequenos furtos. Ao sair da delegacia, o empresário tem a ideia de convidar Pelé, então professor da escolinha infantil de futebol do Santos, para contribuir de alguma forma na luta contra a criminalidade que seduzia os menores, chamados popularmente de “trombadinhas”.

Após tomar ciência da situação com o empresário, o jogador vai ao encontro de um delegado por nome Bira e se oferece voluntariamente para ajudar no trabalho da polícia. Mesmo sendo alertado de que não encontraria trabalho fácil pela frente, Pelé, mesmo sem o treinamento específico para o ofício, passa a fazer patrulhas pela cidade juntamente com o delegado. Sempre à espreita para agarrar algum menor em flagrante, os dois passam a vigiar e perseguir adolescentes suspeitos em situação de rua, de maneira que pudessem, a partir das informações obtidas, desarticular toda a quadrilha. Essa é, portanto, a atualização biográfica proposta pelo filme: Pelé não seria somente o homem que discursa em prol das crianças, ele, de fato, se coloca de corpo e alma como homem de ação disposto a combater as injustiças. Em síntese, um herói nacional virtuoso que teria novos aliados na luta por um país melhor para as crianças: a iniciativa privada na figura do empresário Frederico Garcia; e o estado armado e repressor representado na corporação policial.

Nas primeiras cenas, o ex-jogador é apresentado ministrando aulas de futebol para garotos na sede do Santos. Os ensinamentos, sempre pautados pela honestidade esportiva e a disciplina, fortalecem a imagem de apolíneo que sempre cultivou. Além disso, sublinha o tipo de cidadão modelo esperado pelo poder estatal: obediente, disciplinado e esforçado. Seu traje completamente branco de professor/treinador, remete ao arquétipo do herói que possui pureza de coração, caráter ilibado e um proceder reto que serviria de exemplo a todos. Contraste absoluto com o vilão e explorador de menores e subversivo das leis, Manteiga, cujas roupas e o ambiente em que se reúne com estes últimos, caracterizam-se sempre por serem escuros e degradantes.

HISTÓRIA E CULTURAS



Imagem 04. Ao centro de cada quadro, Pelé e Manteiga dão instruções às crianças.

Mais do que uma simples projeção de ação policial, o filme *Os Trombadinhas* (1979) traz em seu roteiro uma entranhada ideologia que põe em destaque valores como meritocracia e esforço pessoal a partir das oportunidades que são oferecidas. Pelé, enquanto vetor e propagador dessa política, faz o papel do “brasileiro pobre que deu certo” e que tenta, na medida do possível, fazer com que outros indivíduos “vençam” a partir do seu exemplo. Isso fica bastante evidente na cena em que Pelé lê no jornal a manchete “A sociedade é desafiada por estas crianças”, pois, logo em seguida, a câmera foca em seu retrato de criança na estante, sugerindo ao telespectador que o protagonista já esteve ocupando lugar de marginalidade no passado e que fará o que for necessário para que outras crianças sejam salvas pelo esporte e pela disciplina, assim como ele o foi.

Dentre todas as perseguições policiais realizadas pelo jogador policial, uma chama atenção pela sua representatividade no que tange a questões nacionalistas. Após perceber que um dos garotos que praticam furtos possui acentuada habilidade com a bola, Pelé o persegue a fim de convencê-lo a mudar de vida e seguir o caminho do ascetismo profissional para que este pudesse se tornar, no futuro, um grande jogador. Após lutar corporalmente com o garoto que acaba se rendendo após um curto período, Pelé faz a advertência que acaba por convencer o garoto de seus próprios erros e de suas potencialidades ainda não exploradas: “Eu já te vi jogar. Você dribla bem, tem bom pique... com esse futebol, você pode jogar na Seleção [...], mas pra isso você precisa treinar e deixar de fazer algumas coisas que você anda fazendo por aí.” Enquanto faz seu discurso moral, o tema musical símbolo da conquista da Copa de 1970, “Pra Frente Brasil”, começa a tocar ao fundo, como já havia sido executada em outros momentos do filme. O tema da vitória executado nesse momento, além de evocar memórias e glórias esportivas do início da década, confere um aspecto ufanista à cena, uma vez que a peça, conforme escreveu o historiador Daniel Aarão Reis Filho, passou a ser amplamente utilizada anos antes como propaganda política do regime. Embora não se vivesse mais naquele momento (1979) o auge da onda ufanista insuflada pelo governo, havia ainda um imaginário que foi se consolidando em torno da referida música e de tantas outras associadas ao regime no início da década de 70:

HISTÓRIA E CULTURAS

O país, comparado a um imenso canteiro de obras, foi tomado por incontida euforia desenvolvimentista. O governo Emílio Garrastazu Médici criou então uma agência própria de propaganda, a Assessoria Especial de Relações Públicas (Aerp) para martelar slogans otimistas, animando, encorajando, com mensagens positivas, construtivas e ufanistas: *Pra Frente, Brasil. Ninguém segura este país. O futuro chegou. Brasil, terra de oportunidades. Brasil, potência emergente.* Para os que ainda discordavam, restava a porta de saída, segundo plágio de conhecida campanha estadunidense: *Brasil, ame-o ou deixe-o.*⁹

A junção de Governo Militar, “Pra Frente Brasil” e Pelé já havia se mostrado como uma fórmula de sucesso no passado recente. O contexto em que se deu a filmagem e lançamento do filme não era mais de repressão acirrada e slogans intimidadores, no entanto, Pelé, no ato de encarnar valores nobres de um tipo nacional ideal pautado pelo esforço por intermédio do trabalho, representa também o país que olha para o futuro e se preocupa com as crinaças, sem, contudo, esquecer das glórias recentes.



Imagem 05. Pelé se prepara fisicamente para a operação policial em comunidade carente e, ao som de “Pra Frente Brasil”, acaba convencendo o menor a sair da vida do crime após luta corporal.

Outra leitura possível do longa à luz dessa cena e de todo o roteiro, diz respeito à representação do jogador como agente da “ordem” e da “civildade”; conceitos, vale destacar, que ainda eram bastante caros ao governo dos militares naquele momento. A partir de seu papel como agente policial, ainda que de forma temporária e providencial, o jogador passa a simbolizar, metaforicamente, o estado brasileiro e o que este espera de seus civis. Nesse sentido, o tema “Pra Frente Brasil”, tocado durante a operação policial bem-sucedida realizada por Pelé, me parece uma sofisticada metáfora ufanista do Brasil politicamente militarizado. Ao mesmo tempo, soa como retrospecto saudosista e referência a um regime que, embora caminhasse gradualmente para seu fim por intermédio de uma transição “lenta, gradual e segura” assim definida por Geisel (1974 - 1979), havia deixado seu legado de combate à subversão da ordem e conseqüente preparo das estruturas sociais para um futuro que se queria próspero.

⁹ REIS FILHO, Daniel Aarão. *Ditadura Militar, esquerdas e sociedade no Brasil*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005, p.81.

HISTÓRIA E CULTURAS



Imagem 06. Cartaz de divulgação, 1979. Fonte: Cinemateca Brasileira

Outro elemento importante que se soma a esse raciocínio é o cartaz do filme, o qual traz Pelé não mais vestido de jogador, mas trajado como policial agente do estado brasileiro e estilizado à moda dos tiras e agentes secretos das produções hollywoodianas. A narrativa e o cartaz que também faz parte desse processo, propõem uma relação simbiótica entre Pelé e o estado brasileiro, pois ambos passam a se confundir em muitos momentos do filme. Assim, o ato de Pelé em interpretar um militar que reestabelece a ordem, reforçou, naquele momento, a ideia messiânica de que somente os militares seriam capazes de trazer a redenção política e moral de uma sociedade brasileira corrompida.

Por ter emprestado seu rosto e seu peso histórico para um projeto cinematográfico de tal natureza, dentre outras questões discutidas anteriormente, Pelé alimentou a memória biográfica que o definiu pejorativamente como “capacho da Ditadura” e “amigo dos militares”. O filme possui, portanto, uma recepção ambígua que acaba por revelar os conflitos de memória, pois ao mesmo tempo que o exalta como ideal de civilidade e de bom cidadão, também recebe críticas por essa construção ter se dado em contexto ditatorial.

Da subserviência à subversão: a construção do discurso de resistência e as novas interpretações

A narrativa “Pelé garoto propaganda do Regime” atravessou décadas e chegou forte ao século XXI, período democrático em que as críticas se tornaram mais cristalinas e em que ficou mais evidente o esforço de alguns narradores em demonstrar as contradições na biografia de um dos pilares da construção identitária contemporânea. No ano de 2014, por exemplo, o historiador e jornalista Lúcio de Castro publicou a reportagem: “ *‘Com imensa satisfação’*, Pelé serviu Médici no

HISTÓRIA E CULTURAS

ano do tri”¹⁰ (27/08/2014). O contexto da publicação era especialmente tenso para Pelé, pois da noite para o dia, viu seu nome envolvido nas manifestações de rua de 2013 e 2014 após pedir, durante entrevista, para que a população apoiasse a Seleção na Copa ao invés de sair às ruas em protesto. Assim, em meio às manifestações contra o governo, as elites, a Rede Globo, a FIFA e a CBF, o nome de Pelé surgiu representando o espírito antidemocrático do imobilismo social, aliado à sombra do passado que denunciava sua proximidade com a Ditadura. Lúcio de Castro, em meio à crescente onda das ruas, aproveitou o contexto para reafirmar, mais uma vez, o chamado caráter antidemocrático do ex-jogador. Seu texto afirma que, no passado recente, houve um envolvimento íntimo entre Pelé, Ditadura Militar e toda a cúpula política dos anos de chumbo, e que Pelé, mesmo tendo conhecimento das práticas de tortura do governo, ainda assim não hesitou em se aproximar e representar as instâncias de poder sempre que solicitado. Digno de nota que, no mesmo dia da publicação da matéria de Lúcio de Castro no portal da ESPN, o também jornalista e comentarista da casa, Mauro César Pereira, publicou a seguinte frase em sua conta no Twitter: “Mais um golaço de Lúcio de Castro: Pelé e a ditadura Médici. Não me venham com o papo de que o "Rei" era ingênuo”¹¹. Subcrevo a seguir, alguns trechos da reportagem que, apesar de longa, é de fundamental importância, assim como o tuíte de Mauro César Pereira, para o entendimento das disputas de memória:

No período da repressão mais intensa do regime militar, o general Médici teve ao seu lado, como representante do governo, o maior embaixador que poderia ter: um entusiasmado Edson Arantes do Nascimento. Pelé. Com "imensa satisfação", o maior jogador de todos os tempos voltou ao México quatro meses depois da conquista do tricampeonato com "a honrosa missão de representar o ilustre governo" na inauguração da Plaza Brasil, em Guadalajara, entre os dias 2 e 5 de novembro de 1970. É o que mostra uma carta do próprio Pelé ao "muito digno Presidente", até aqui inédita, parte do arquivo pessoal do presidente dos anos mais violentos da ditadura no país. Doado em 2004 ao Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB) por Roberto Médici, filho do ditador, o "Acervo Médici" só foi aberto a pesquisadores agora. [...] Pelo caráter oficial da viagem, Pelé recebeu às vésperas do embarque um passaporte diplomático com a distinção: "O titular viaja em missão oficial". Pelé vai além da alegada satisfação em representar o governo Médici. Agradece a "honra em representar v.excia". E mesmo tendo vivido pouco tempo antes a emoção do tricampeonato e de sair definitivamente consagrado como o maior jogador de todos os tempos, afirma sobre a viagem em nome de Médici que "tal missão se constituiu numa das mais marcantes experiências de minha vida". [...] Naqueles dias em que Pelé representou o governo Médici, o Brasil seguia sob as amarras do AI-5, de 13 de dezembro de 1968, que dava amplos poderes ao presidente e recrudescia a repressão, ampliando o regime de exceção, a tortura e os assassinatos em dependências do estado. Em cinco folhas de papel timbrado com o nome de Edson Arantes do Nascimento e o apelido "Pelé", estão as palavras reverenciais do craque em relação ao presidente Médici e ao governo e o relato completo dos compromissos no México. [...] Não foi a primeira demonstração de apreço de Pelé ao regime militar. Poucos dias antes dessa viagem ao México como representante do governo Médici, Pelé esteve numa dependência do DOPS (Delegacia de Ordem Política e Social, responsável pelos interrogatórios e ações de combate do regime militar) em São Paulo, e, no gabinete do diretor, se prontificou a tornar pública sua defesa do governo e a se

¹⁰ Disponível em http://www.espn.com.br/noticia/435393_com-imensa-satisfacao-pele-serviu-medici-no-ano-do-tri

¹¹ Disponível em <https://twitter.com/maurocezar/status/504607148874412032>

HISTÓRIA E CULTURAS

pronunciar ser contrário ao "comunismo". A visita foi no dia 21 de outubro de 1970, como mostrou relatório do DOPS. [...] A estreita relação entre Pelé e Médici transformou o jogador no principal agente de propaganda do governo Médici, posando seguidamente ao lado de vários ministros em diferentes campanhas, como Delfim Neto e Jarbas Passarinho. Tais laços valeram a Pelé a Ordem do Rio Branco, mesmo antes da Copa, em 20 de abril de 1970. [...] Pelé [...] foi procurado, mas, através de seu assessor, afirmou que não tem "nada a declarar".

Após levantar densa documentação para conferir legitimidade e autenticidade à sua versão, o jornalista não hesita em cravar Pelé como um cúmplice da Ditadura. Quanto a isso, não há meios termos, não há, em momento algum, a tentativa mínima de justificar o envolvimento de Pelé e, ao mesmo tempo desmembrá-lo do negativo e macabro simbolismo daqueles anos. O episódio que traz à tona a ida de Pelé ao México em caráter oficial para a inauguração de uma praça, lembra em muito as palavras de De Vaney (1976) ao lamentar que Pelé, tido por traidor, fosse tratado pelo governo como embaixador do Brasil. A diferença, no entanto, está no fato de que o nacionalista De Vaney fazia sua crítica ao governo quase que em forma de manifesto, Lúcio de Castro, por sua vez, centraliza sua crítica em Pelé.

Ao escrever que *“Não foi a primeira demonstração de apreço de Pelé ao regime militar”* e que o mesmo teve profunda *“satisfação em representar o governo Médici”*, Lúcio de Castro procura desconstruir, como de forma semelhante afirmou seu colega Mauro César Pereira, a imagem de Pelé enquanto esportista que desconhecia as práticas de perseguição, tortura, censura e assassinato, e que seria, segundo essa versão, vítima de um regime político repressor que usava, em benefício próprio, a poderosa imagem popular do jogador. Isso porque, segundo as palavras de Pelé, o mesmo só viria a descobrir as ações de tortura do governo em 1974 (como demonstrarei mais à frente). O texto de Lúcio de Castro lança luz sobre sua intenção de evidenciar as contradições de uma das maiores figuras públicas do país, considerada como um dos símbolos de identidade nacional.

É interessante notar que o mesmo acontecimento descrito com riqueza de fontes por Lúcio, também é analisado pelo biógrafo José Castello em sua já citada biografia *“Pelé, os dez corações do Rei”* (2004). Novamente no capítulo de título *“Coragem”*, o autor adota uma postura de defesa e exaltação de atributos que fariam de Pelé um ídolo diferenciado. Ao cruzar as duas citações sobre o mesmo episódio, é possível perceber o jogo de interesses, os silêncios e a disputa pela versão predominante. Enquanto o jornalista da ESPN Brasil escolhe dar ênfase à visita de Pelé ao México em caráter oficial e, a partir daí, formular uma crítica a uma dita postura subserviente do ex-jogador aos militares e até mesmo de desvio de caráter em face da hipótese de que Pelé sabia das torturas e mesmo assim aceitou ser *“usado”*, José Castello, ao contrário, procura justificar a viagem de Pelé como um fortalecimento de laços entre os dois países por meio de uma simples gentileza

HISTÓRIA E CULTURAS

diplomática. Indo na contramão da narrativa que acusa o ex-jogador de ter sido grande aliado da Ditadura, o autor procura deixar claro que Pelé não teria se alinhado por completo e de maneira incondicional ao regime. O biógrafo argumenta que apesar da proximidade aqui descrita como sendo pontual com o presidente, Pelé, todavia, não teria cedido no momento em que o país passava pelo pior momento em termos de repressão, o que na visão do autor seria um ato de subversão e resistência ao que representava a Ditadura naquele momento:

O objetivo formal do encontro entre Médici e Pelé era a apresentação que o jogador faria de um relatório de viagem a Guadalajara, no México, realizada alguns meses antes. Ele viajou na qualidade de embaixador especial do governo brasileiro para a inauguração de uma praça, na cidade que abrigara o Brasil tricampeão de 1970, que foi batizada com o nome de Brasil. A simples ida de Pelé como representante de um governo militar irritou bastante os políticos de oposição. Na cerimônia em Brasília, Pelé entregou a Médici duas medalhas de honra que recebeu dos mexicanos, gesto de pura elegância, mas que foi logo interpretado como mais um ato de bajulação, senão de submissão ao regime. Não obstante, na hora de responder ao principal interesse do general naquele encontro, o de convencê-lo a voltar à seleção brasileira, Pelé não vacilou. E se negou a aceitar a convocação.¹²

Por fim, Castello afirma que o modo simples e pouco elaborado com que Pelé sempre expôs suas opiniões políticas, acabou dando margem para que setores representantes de um “senso comum” buscassem, diligentemente, conexões em sua fala que, de alguma forma, denunciasses seu possível caráter conservador reacionário e assim chamado apoiador de regimes autoritários.

Ele estava sempre disposto a externar suas opiniões, de modo direto e simples, quando um certo senso comum se esforçava para nelas encontrar vestígios de traição, e para alinhar sua imagem ao pensamento conservador e, mesmo, à ditadura que governava o Brasil. Quando essa associação mecânica do nome de Pelé à ditadura militar foi, mais uma vez, desmentida pelos fatos.¹³

Diante de todas essas intrigas, uma observação que deve ser feita é que a fim de fazerem suas versões predominantes, ambos os lados, tanto os que levantam a bandeira do “Pelé subversivo”, quanto os que se insurgem contra o “Pelé reacionário”, reproduzem discursos que tem como principal característica o maniqueísta. Há, nesses textos, a necessidade de sempre enquadrá-lo em categorias como: “pró”, “contra”, “politizado”, “alienado”, “reacionário”, “democrata”. Essa categorização tem contribuído para o acirramento do debate e gerado um interessante conflito que, a depender do contexto, põem em cheque ou tentam reavivar construções identitárias surgidas no entardecer da década de 50.

A seguir, apresento mais alguns focos de embate em torno dessa memória. De um lado, os que irão, assim como o fez O PASQUIM nos anos 70, acusar Pelé de ter sido aliado do governo, do outro, numa interpretação mais recente, há os que irão advogar sua resistência, ainda que tímida e contida. Começarei, então, por um interessante contraste: se para o jornalista De Vaney, a

12 CASTELLO, José. *Pelé – os dez corações do rei*. Ediouro, 2004, p. 119.

13 Ibid, 2004, p. 124.

HISTÓRIA E CULTURAS

negativa de Pelé em disputar a Copa de 1974 contribuiu para o fortalecimento de sua imagem de ídolo “mercantilizado e “desertor”, pode-se constatar posicionamento oposto numa biografia publicada em 2004 pelo jornalista José Castello, a qual tem por título “Pelé, os dez corações do Rei”. Em seu livro, Castello esforça-se para quebrar a ideia comum a muitos críticos, de que o jogador teria sido um “braço” da Ditadura e franco apoiador do Regime, contribuindo, desse modo, para a propaganda governamental nacionalista a partir de sua projeção de atleta, como criticou De Vaney em seu livro.

A associação entre Pelé e Ditadura Militar, embora não seja difundida entre a grande mídia e seus biógrafos, mostra-se forte entre alguns críticos mais veementes de sua trajetória e continua a causar celeuma. Defendendo sua não associação aos militares em capítulo com o sugestivo título “Coragem”, o biógrafo José Castello irá interpretar a recusa de Pelé para com a Copa de 1974 não como “deserção”, como enfatizou De Vaney de forma enérgica, mas, ao contrário, como ato de subversão e desobediência civil de alguém que não se curvou perante a vontade de um ditador que, de forma insistente, o pressionava para que se pusesse à disposição da Seleção Brasileira:

O mito de que Pelé foi um ativista entusiasmado da ditadura militar, que ainda hoje circula como verdade, e que sempre pesou sobre ele, se desfaz, rapidamente, diante de um único episódio. Em 1971, Pelé se despedira oficialmente da seleção brasileira de futebol. Três anos depois, contudo, durante os primeiros preparativos para a Copa do Mundo de 1974, o general Emílio Garrastazu Médici, presidente do regime militar, pressionou o Rei para que ele aceitasse voltar atrás em sua decisão. Que apagasse a despedida de 1971, e jogasse o mundial da Alemanha pelo time brasileiro. [...] Pelé não foi à Copa de 1974, apesar de todas as pressões do regime militar. Médici saiu derrotado do episódio.¹⁴

Ao classificar a versão que prega o aberto apoio de Pelé à Ditadura como “mito”, Castello procura situar essa narrativa no campo das especulações e dos fatos sem nenhuma evidência comprobatória concreta. No decorrer de sua fala, a constante oposição entre Pelé e Médici, culminando na afirmação “Médici saiu derrotado”, cria um cenário maniqueísta em que o jogador representa o “Bem” que, no final, vence o “Mal” por meio de sua resistência e desobediência civil. A argumentação de Castello não se limita apenas a insinuar que Pelé venceu o mal, mas que ele tinha noção e conhecimento do mal que estava se negando, “corajosamente”, a ter comunhão. Dessa vez, Geisel é quem saíria “derrotado”:

Com a mesma coragem, já nos meses que antecederam o mundial da Alemanha, em 1974, Pelé resistiu às pressões sutis do recém-empossado governo Geisel para que viesse a disputar a copa. Naquela época, Pelé, como ele mesmo relatou mais tarde, já tinha conhecimento das práticas de tortura e não desejava compactuar com um governo que as promovia. [...] Pelé resistiu às pressões do governo militar e não voltou atrás. Não jogou a copa. A coragem é, de fato, um atributo essencial do Rei. (CASTELLO, 2004, p. 119)

14 CASTELLO, José. Pelé – os dez corações do rei. Ediouro, 2004, p. 126

HISTÓRIA E CULTURAS

Em seu texto, Castello traz a informação de que Pelé, baseado no conhecimento dos crimes do regime, teria, diante disso, resolvido não se associar mais à Seleção como forma de protesto. É provável que o autor tenha feito tal afirmação baseado em duas reportagens: primeiro, um especial da revista Placar sobre Pelé, publicado em março de 1999. Na ocasião, a revista transcreveu uma declaração atribuída a Pelé que teria sido dita, segundo a matéria, em novembro de 1988. A declaração, entretanto, não é analisada pelo autor da reportagem, figurando apenas como ilustração com a foto de Pelé ao fundo: – “Muita gente não sabe, mas não joguei a Copa de 1974 por desgosto em relação ao regime político do país. Era a época da ditadura (Pelé, 1988)” (PLACAR, 1999, p. 52). O ano de 1988, datação atribuída a essa fala, é crucial para pensar algumas questões que a permeiam. A intenção do autor é, assim como Castello, desassociar a Ditadura de Pelé sem maiores questionamentos ou reflexões. Diante da citação, pode-se questionar a suposta fala de Pelé sob a seguinte ótica: Estaria ele fazendo uma revelação nunca antes dita quando se posiciona como opositor a tudo o que a Ditadura representou de males para o Brasil, ou, por outro lado, a declaração seria fruto de um contexto de pressão e clamor popular por democracia, após os intensos movimentos da campanha das “Diretas Já!” que culminaram, em 1989, na primeira eleição presidencial direta após o golpe de 1964? Teria Pelé, diante de todo esse cenário, sido movido a revisitar sua história e atualizá-la para os novos tempos democráticos, resolvendo, assim, distanciar de vez sua imagem dos militares? À luz do material citado, seria impossível mensurar a dimensão íntima e subjetiva do que estaria, de fato, pensando o jogador, entretanto, é inegável que diante do histórico de associação de sua imagem à Ditadura Militar, houve, inegavelmente, um esforço de sua parte em tentar estabelecer novos marcos biográficos para os novos ventos políticos que sopravam no país. Trata-se, portanto, de uma atualização.

Alguns anos antes, precisamente no ano de 1984, a Revista Placar publicava sua edição nº 726 com uma capa até hoje histórica. No auge das campanhas por eleições presidenciais diretas, a fotografia de Pelé com a camisa das “Diretas Já!” foi um grande trunfo midiático e político para a revista, à época tendo à frente o jornalista Juca Kfoury como editor. Com a legenda “Pelé de Cabeça Nova”, a capa buscava sinalizar uma quebra do velho com o novo. Em si mesmo, a legenda sugeria, de certa forma, uma mea-culpa do jogador, pois ao anunciar um “novo olhar”, deixa entendido que o velho não servia mais ao bem comum. A força da fotografia reside, além do apelo ao intenso sentimento das Diretas, também no recado de que o ídolo popular que sempre fora acusado de omissão política e proximidade com a Ditadura, agora dava as mãos ao povo brasileiro e seu anseio por democracia. Assim, o texto objetiva descolar definitivamente do regime militar, a imagem do ex-jogador. Além disso, texto e foto estrategicamente pensados pelos editores,

HISTÓRIA E CULTURAS

compõem uma tentativa de reparação da imagem política de Pelé após, na década anterior, ter sido atribuída a ele os dizeres de que o brasileiro não sabia votar. A frase, como se sabe, gerou uma onda de críticas e marcou, por muito tempo, a percepção negativa a seu respeito.



Imagem 20. Revista Placar, 1984, nº 726.

O texto de apresentação da edição, escrito pelo próprio Kfourri, reforçava o novo Pelé de espírito democrata:

Há um mês, Pelé encarnou o sentimento do país e declarou-se favorável às eleições diretas. Em seguida, disse que não iria a nenhum comício nem fazia proselitismo pela idéia, tarefa que deixou a cargo dos políticos. O repórter fotográfico Ronaldo Kotscho, no entanto, conseguiu demovê-lo e aí está: o Rei estampa no peito a vontade de quase todos os corações e mentes brasileiros.¹⁵

Apesar da capa histórica e do texto de apresentação que procura construir a imagem de um Rei que se importa com as liberdades individuais e se envolve com as causas de seus súditos, a edição não traz nenhuma matéria que desenvolva o conteúdo da capa. A foto, na verdade, foi resultado de uma circunstância informal e improvisada. A peculiar e improvável aparência pouco usual de Pelé, com chapéu e bigode, é explicada pelo fato de ter sido abordado pelo fotógrafo Ronaldo Kotscho (Alemão), durante as filmagens do filme *Pedro Mico*, em 1983, na cidade do Rio de Janeiro, no exato dia em que aconteceria um dos comícios das Diretas. A situação foi minunciosamente explicada pelo fotógrafo em entrevista ao jornalista esportivo José Trajano, publicada em seu blog¹⁶:

Eu sabia que no dia seguinte Pelé estaria no Morro do Pavãozinho, justo no dia do comício das Diretas Já. [...] Pelé acabava de filmar e se dirigia a uma venda para comer algumas frutas. Senti que era o momento exato. O povo do morro estava todo lá para assistir à gravação de *Pedro Mico*. Ele me viu e foi logo afirmando: ‘Alemão, eu sei o que você veio fazer aqui...’ Nesse segundo, puxei a camisa do Brasil com os dizeres ‘Diretas-Já’ virada para o povo. Foi um grito só: ‘Veste a camisa, Rei’. Pelé então falou: ‘Filho da puta, Alemão! Tem dez segundos para fazer a foto’. Eu já estava preparado, foi só disparar o motor.

¹⁵ PLACAR, 1983, p. 03

¹⁶ <http://www.ultrajano.com.br/so-o-alemao-fotografou-o-golaco-do-pel/>

HISTÓRIA E CULTURAS

Dito isso, é fato que desde os anos 80, Pelé tem sistematicamente procurado se distanciar da imagem negativa de cúmplice e garoto-propaganda da Ditadura. Para além da mudança de seu olhar em relação ao passado, sua atitude foi também uma saída encontrada para que o mito sobrevivesse e se adaptasse aos novos tempos de democracia e, dessa forma, sua biografia fosse atualizada positivamente. Para tanto, contou com a ajuda de uma série de profissionais como os da revista Placar, que, juntamente com ele, somaram forças nessa busca por uma mudança em sua imagem política. Entretanto, apesar dessa ação conjunta, a disputa por sua memória biográfica não deu trégua e continuou a ser travada com ainda mais intensidade, agora em um contexto mais recente de liberdade de expressão.

Com a chegada do século XXI e o distanciamento histórico da Ditadura, Pelé passou a ser cada vez mais questionado sobre seu passado. Um exemplo disso foi a entrevista¹⁷ concedida em 2000 ao repórter da rede Globo, Geneton Moraes Neto, para a série “Confissões”, publicada no blog do jornalista. Ao entrevistador, Pelé justifica sua não ida à Copa de 1974 como tendo sido motivada por questões de discordância política com o regime militar. Aqui, o ex-jogador mais uma vez traz algumas atualizações para sua biografia:

Geneton: É verdade que o governo militar quis forçar você a jogar a Copa de 74 pelo Brasil ?

Pelé: “Forçar’ é uma palavra forte, mas eles tentaram me persuadir a voltar a jogar, porque havia um interesse grande em que o Brasil fosse bem na Copa do Mundo de 1974, na Alemanha. Nós estávamos numa fase política muito difícil, no Brasil. [...] Eu tinha ficado sabendo das barbaridades e das torturas que tinham sido feitas naquele tempo – de 1971 a 1973. Indignado com aquilo, uma das decisões que tomei foi a de não apoiar e não esconder o que estava acontecendo. Porque, cada vez que o Brasil ganha uma Copa do Mundo, esconde tudo: a fome, o desemprego, a saúde, a falta de moradia. O povo se envolve na alegria, naquela coisa de “Brasil” – e esquece de tudo. Eu não queria aquilo porque eu já tinha conhecimento de muita coisa: já tinha conversado com Gilberto Gil, Caetano Veloso, Milton Nascimento, Chico Buarque. Já tinha me encontrado com eles; sabia de coisas que estavam acontecendo. Tomei realmente esta decisão. Como eu ainda estava em grande forma – afinal, o Santos foi campeão em 1973 e fui artilheiro do campeonato – , houve uma procura da filha do general Ernesto Geisel, e políticos como Pratini de Moraes e Jarbas Passarinho. Falei com vários políticos na época: todos achavam que eu tinha de jogar. Mas minha decisão foi a de não jogar”.

Ao se ombrear com Gilberto Gil, Caetano Veloso, Milton Nascimento e Chico Buarque, Pelé busca ser reconhecido como parte de um ideal de resistência à Ditadura que até hoje é lembrada e celebrada. Sua comparação aos artistas da MPB que foram exilados não é fortuita, a maioria dos citados ou foi presa ou exilada em decorrência do Regime, e, no pior dos cenários, foram submetidos às duas punições. Desta forma, a maneira como Pelé desenvolve sua argumentação, a recusa em disputar a Copa soa quase como uma forma de autoexílio dos campos de

¹⁷ Disponível em: <http://g1.globo.com/platb/geneton/2010/06/30/confissoes-de-um-rei-em-nova-york-pele-diz-que-maradona-precisa-primeiro-provar-que-foi-o-melhor-da-argentina/>

HISTÓRIA E CULTURAS

futebol e, em especial, da camisa verde-amarela, símbolo da nação que vivia um estado de exceção. Seu ato ganha, com isso, contornos de protesto político contra o que chama de “barbaridades” e “torturas” cometidas na primeira metade da década de 1970.

Chama a atenção também o fato de Pelé interpretar que sua presença na seleção de 1974 poderia fazer o time brasileiro mais forte e, conseqüentemente, obter o tetra campeonato em plena Ditadura, o que possivelmente criaria mais uma cortina de fumaça diante dos crimes cometidos pelos militares, pois como o próprio Pelé afirma, as pessoas ficariam extasiadas com o tetracampeonato e seriam anestesiadas diante do cenário de opressão política pelo qual o país atravessava, situação que acabaria por encobrir as contradições sociais historicamente presentes na sociedade brasileira. Até onde pude constatar, essa foi a primeira vez que Pelé elaborou falas tão marcadamente críticas em relação aos efeitos e usos político da seleção nacional naquele contexto, fazendo, inclusive, referência ao tricampeonato e todo o processo de esquecimento dos problemas sociais. Sua fala dá a entender que diante das descobertas que fez, tomou a decisão de não apoiar o regime e não apoiar a Seleção Brasileira, ou seja, exilar-se, assim como teriam feito Caetano, Gil e os outros com os quais teve contato.

Uma argumentação semelhante pode ser percebida em junho de 2013, quando, em entrevista ao portal UOL¹⁸, Pelé voltou a afirmar que não havia disputado a Copa da Alemanha Ocidental por motivos de discordância com as práticas do governo militar. O contexto de junho de 2013, como analisado no início desse trabalho, foi especialmente tenso para Pelé em face de suas declarações que pediam ao povo que esquecesse os protestos e apoiasse a seleção brasileira durante a Copa das Confederações. Publicada pelo jornalista Samir Carvalho, a matéria tem por objetivo dar uma resposta às fortes críticas que Pelé vinha sofrendo por parte da imprensa e durante as manifestações de rua. Em sua fala, o ex-futebolista avalia de forma negativa os investimentos em grandes arenas em regiões do Brasil com pouca tradição futebolística, comemora o veto da PEC-37 (projeto que também fazia parte da pauta dos manifestantes), e se diz a favor dos protestos.

Outro fato interessante na matéria é que Pelé traz de volta um assunto que, após suas declarações anteriores, teria sido ressuscitado pela opinião pública mais crítica à sua postura política no passado: seu possível apoio à Ditadura Militar. Embora a matéria não tome o assunto como foco principal, o título da reportagem é taxativo: “Pelé adota tom crítico e diz que boicotou a Copa de 74 contra a ditadura”. Como demonstrei há pouco, o tema em questão não era nenhuma novidade, porém, o título da matéria sugere que a fala do ex-jogador seria uma novidade e uma mudança de postura recente até então não publicada. Nesse ponto, cabem os seguintes questionamentos: por

¹⁸ Disponível em <https://copadomundo.uol.com.br/noticias/redacao/2013/06/27/pele-adota-tom-critico-e-diz-que-boicotou-copa-de-74-contra-ditadura.htm>

HISTÓRIA E CULTURAS

qual motivo Pelé teria trazido à tona o tema da Ditadura nesse momento? Por que a reportagem, a despeito de ser dedicada quase que em sua totalidade à opinião do entrevistado sobre os protestos de rua, traz em seu título uma frase de impacto em relação ao regime militar e a Copa de 1974? Seria essa uma estratégia de Pelé e de seus defensores para rebater os críticos que após o desgaste gerado por polêmicas declarações públicas, ateavam fogo à sua imagem nas ruas e amordaçavam seus monumentos nas praças? Ou ainda, uma resposta aos jornalistas e comentaristas esportivos que o criticaram duramente pelos mesmos motivos? Diante de todos esses questionamentos, penso ser coerente imaginar que o ex-futebolista estaria tentando resistir a mais uma onda narrativa que atualizava e expandia o rótulo de “alienado político” e cúmplice do poder estabelecido, agora não mais ligado somente à Ditadura, mas aos “corruptos da FIFA” e do governo brasileiro que estaria a financiar a Copa juntamente com a iniciativa privada em meio a denúncias de superfaturamento.

Em depoimento semelhante à sua fala na Placar em 1988, Pelé justifica ao repórter Samir Carvalho (UOL) que, ao contrário de 1970, a situação política do país havia piorado em 1974, fato que o teria motivado a rejeitar a proposta de competir em mais um torneio mundial com as cores do Brasil. Diante disso, afirmo que a imagem de Pelé enquanto “símbolo de resistência” é uma narrativa alimentada não somente por biógrafos como José Castello, mas, sobretudo, também pelo próprio Pelé, que passou a adotar e trazer à tona esse discurso desde o período do início da redemocratização, e, posteriormente, sempre que necessário. Esse fato reforça, mais uma vez, que a declaração de Pelé foi mobilizada em grande medida por fatores circunstanciais de questionamentos políticos da sua imagem de ídolo e sua associação aos militares, à CBF e à FIFA. Aqui, ele se coloca, assim como os manifestantes, como alguém que questionou os poderes estabelecidos e, à sua maneira, tratou de não compactuar com o erro:

Pediram para eu voltar para seleção, eu não voltei. Eu já tinha me despedido do Santos, mas eu estava bem demais. Mas o Geisel (presidente da República entre 1974 e 1979), a filha dele, veio falar comigo, para eu voltar e jogar a Copa de 74. Por um único motivo não aceitei: estava infeliz com a situação da ditadura no país. Estava preocupado com o momento. Em apoio ao país, eu recusei, pois estava muito bem (físico e técnico) e poderia jogar em alto nível. A ditadura estava exigindo demais do povo. Em 1970 era diferente, a seleção era comandada pelo Zagallo (técnico), mas o Parreira e o Coutinho eram do exército, e a situação era melhor.

Em sua autobiografia (2006), Pelé cita novamente os artistas exilados e volta a reforçar, mesmo que não explicitamente, uma comparação entre o exílio dos artistas e o seu exílio do futebol e da Seleção:

A pressão para jogar a outra vez pelo Brasil vinha de muitos lados. O presidente Ernesto Geisel, que assumiu em 1974, a mulher dele e alguns coronéis do Exército queriam me ver de volta à seleção. Mas a essa altura eu já sabia o que o regime militar estava fazendo com

HISTÓRIA E CULTURAS

alguns estudantes, cantores famosos andavam exilados e havia comentários sobre tortura. A filha de Geisel veio me procurar e me pediu que reconsiderasse. Fiquei irreduzível.¹⁹

Por mais de quatro vezes, Pelé afirmou tomar conhecimento dos abusos da Ditadura somente em 1974. Diante disso, alguns críticos trataram de rechaçar essa possibilidade afirmando que o atleta sempre foi próximo dos altos escalões do governo federal e que, portanto, tinha conhecimento dos atos cometidos desde, pelo menos, o ano de 1970. Citarei alguns exemplos a seguir.

No início do século XXI, um dos textos a fazer uma explícita associação entre Pelé e a Ditadura Militar como sendo uma relação simbiótica, está presente no livro “Como o futebol explica o mundo” (2004) do jornalista norte-americano Franklin Foer. Dada a cronologia das publicações que foram lançadas no mesmo ano, é possível deduzir que o biógrafo José Castello tenha feito sua defesa de Pelé como uma contranarrativa também a esse livro. No capítulo 10 intitulado “Como o futebol explica a sobrevivência dos cartolas”, Foer traça um panorama das nem sempre éticas e bem-intencionadas alianças entre poder político tradicional, grandes empresas e dirigentes de clube de futebol no Brasil. A certa altura de seu texto, cita Pelé como exemplo clássico e nítido da íntima associação entre poderes da esfera governamental e esportiva. Após traçar um breve perfil biográfico do atleta e ressaltar sua infância humilde no interior de Minas e São Paulo, seguida de sua precoce ascensão ao estrelato, Foer declara:

Pelé tornou-se para o regime o símbolo desse *boom*, que os economistas denominaram o “Milagre Brasileiro” – prova de que o Brasil poderia tornar-se uma potência internacional em seus próprios termos, sem plagiar modelos estrangeiros. Nos anos 1970, os ditadores mostravam seu rosto em outdoors ao lado de *slogans* (“Ninguém segura este país!”). Nos eventos oficiais, executava-se a música tema da conquista da Copa do Mundo de 1970 pela equipe liderada por Pelé. (FOER, 2004, p. 111)

Franklin Foer faz parte de uma ala de intelectuais que entende Pelé como apoiador e símbolo do governo militar brasileiro. Para esses intelectuais, não é possível pensar os anos de chumbo sem, contudo, levar em consideração o papel do futebol na divulgação e consolidação de ideais governamentais. Pelé, nesse contexto, como o atleta brasileiro de maior projeção, não será “poupado” por esses pensadores que identificarão em suas posturas um alinhamento ideológico com o poder estabelecido. Contraditoriamente, criou-se outro debate em que Pelé, longe de ser o modelo de brasileiro ideal, seria o antimodelo do que se pensa ser um cidadão questionador e politicamente consciente.

A corrente que situa Pelé como garoto propaganda do regime é polêmica e problemática não somente porque pretende mostrar as contradições do maior ídolo esportivo brasileiro, mas também porque vai de encontro justamente com as palavras do próprio ex-jogador que,

¹⁹ NASCIMENTO, Edson Arantes do. *Pelé – a autobiografia*. Rio de Janeiro: Sextante, 2006, p. 206.

HISTÓRIA E CULTURAS

aparentemente, tenta escapar desse rótulo. Segundo Foer, a biografia de Pelé se confunde com a história da Ditadura brasileira, tanto que traça paralelos de crise entre ambos. O autor afirma que houve uma decadência física e financeira de Pelé na metade dos anos 1970 que coincidiria com a crise política e fiscal do regime. Enquanto este enxergou nos empréstimos estrangeiros uma possível solução para os problemas internos, aquele teria, como forma de cobrir os prejuízos ao longo da carreira, recorrido a contratos em um clube de pouca expressividade nos Estados Unidos, país que até então não possuía uma cultura futebolística desenvolvida.

Tal como o país, Pelé acumulou uma pequena fortuna. [...] Mas essa fortuna nunca fez dele um homem rico. Bajuladores saquearam suas contas. [...] Um ano após aposentar-se, entre despedidas sentimentais, ele voltou atrás para recuperar um pouco do que tinha perdido. Assinou contrato com o New York Cosmos, time pertencente a Warner Communication. [...] Seus fracassos eram o espelho dos erros desastrosos cometidos pelo próprio Brasil. Tal como Pelé a ditadura atraiu trapaceiros que assaltaram o tesouro nacional. E a má administração foi pior que isso. Depois do choque do petróleo de 1973, a ditadura militar insistiu em manter a economia voltada para a mesma taxa espetacular de desenvolvimento, o que significa mais gastos do Estado, ou seja, tomar empréstimos em bancos estrangeiros. Durante a década, o governo criou uma dívida de 40 bilhões de dólares.²⁰

Para Franklin Foer, o estudo da biografia de Pelé seria uma analogia perfeita para a compreensão de um passado autoritário no Brasil. O discurso do autor não carrega traços de reivindicação de identidades nacionais a partir do futebol e da trajetória do ex-futebolista como se pode observar em alguns biógrafos, muito menos tenta enaltecer sua imagem como um exemplo a ser seguido e admirado, pelo contrário, a carreira de Pelé seria exemplo de como futebol e poder político podem trabalhar juntos sem que se abra mão de interesses nem sempre eticamente legítimos, desde que haja cooperação de ambos os lados.

“Cuidem das crianças necessitadas”: os diferentes sentidos sobre o discurso do milésimo gol

O milésimo gol de Pelé marcado em 1969 foi, sem dúvida, um dos momentos mais marcantes e de maior repercussão da história do futebol mundial. Um fato até hoje celebrado por cronistas e, sempre que possível, lembrado com orgulho pelo próprio Pelé. Afora os textos já muito comuns que abordam o feito com euforia e admiração, chamo atenção para narrativas que, contrárias a tudo que se tem produzido a respeito, acabaram por suscitar outras interpretações com implicações políticas que devem ser aqui discutidas. Dessa forma, dentro do campo que concebe Pelé como “braço” do regime militar, o milésimo gol passou a ganhar contornos políticos que, em certa medida, acabam sendo mais enfatizados do que o próprio milésimo gol, o qual não é visto

²⁰ FOER, Franklin. *Como o futebol explica o mundo*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004, p. 112.

HISTÓRIA E CULTURAS

apenas como um “feito esportivo”, mas, sobretudo, como uma manobra de marketing que teria beneficiado jogador e governo.

Gilberto Agostinho em seu livro “Vencer ou Morrer: futebol, geopolítica e identidade nacional” (2002) afirmará, embora não com todas as letras, que havia um grande acordo entre o jogador (que estava a dois gols do feito inédito), o alto comando do governo federal e a Confederação Brasileira de Desportos (CBD) no sentido de evitar a todo custo que o milésimo gol fosse marcado fora do Maracanã.

Antes da partida contra o Vasco no Rio de Janeiro, Pelé, já com 998 gols contados, teria que disputar uma partida contra o Botafogo da Paraíba na cidade de João Pessoa. A possibilidade do milésimo gol naquela partida gerou grande euforia e expectativa na imprensa e no público, porém, alguns autores analisam aquele contexto como uma partida em que Pelé não teria dado o seu melhor, justamente para que o milésimo gol acontecesse no maior e principal palco do futebol brasileiro. A estratégia, dizem, era de interesse do jogador e do governo brasileiro: primeiro, fazer com que o milésimo gol acontecesse em um grande palco digno de uma grande repercussão, em segundo lugar, usar politicamente o momento histórico para projetar a imagem do regime sobre Pelé, que personificaria a ideia de país vencedor em desenvolvimento que se destaca mundialmente graças a seus raros talentos. Como escreve Agostinho, a ideia, basicamente, era fazer uma imediata associação dos

êxitos futebolísticos à imagem de Brasil-Potência que o governo se esforçava em difundir. À medida que a Copa se aproximava, as possibilidades da interação futebol-poder se ampliavam. Ainda em 1969, apresentou-se uma oportunidade sem igual: a festa comemorativa em torno do milésimo gol de Pelé. Para a ditadura, o evento deveria ser planejado com uma bem calculada antecipação. Até porque ninguém podia saber exatamente em que jogo o tento histórico seria marcado, embora esforços tenham sido feitos para que este ocorresse em uma grande praça, preferencialmente o Maracanã. [...] Em 14 de novembro, em João Pessoa, quando o Santos entrou em campo para jogar um amistoso contra o Botafogo da Paraíba, na reinauguração do Estádio José Américo de Almeida, a estatística oficial apontava 998 gols para o Rei. Com a bola rolando, Pelé marcou de pênalti, consumando o que seria o gol 999. Daí em diante, segundo o depoimento do juiz do jogo, Armindo Tavares de Pinho, tudo foi feito para que Pelé não tivesse oportunidade de marcar novamente, a ponto de o técnico do Santos, Antoninho, acertar no intervalo da partida a saída do goleiro e a entrada de Pelé no gol. Com a manobra, o jogador e o técnico foram vaiados clamorosamente pela torcida local. [...] Cinco dias mais tarde, no Maracanã, jogando contra o Vasco, Pelé entraria em campo diante de uma expectativa monumental. Todo um protocolo oficial fora rigidamente planejado, com o atleta hasteando a bandeira nacional e recebendo homenagens de todos os lados. Empatado o jogo em 1 x 1, um pênalti fora marcado para o Santos, excitando os milhares de torcedores presentes no estádio. Aos 34 minutos do segundo tempo, Pelé correu para a bola e bateu no canto direito, fazendo-a explodir na rede para a irritação do goleiro argentino Andrada. [...] Nos dias seguintes, Pelé desfilou em carro aberto em Brasília, sendo recebido pelo presidente Médici, que lhe concedeu a medalha de mérito nacional e o título de comendador. No próximo jogo do Santos, no Mineirão, o atleta recebeu uma Coroa de

HISTÓRIA E CULTURAS

Ouro do tempo do Império, enquanto era produzida uma infinidade de marcos comemorativos, como medalhas, selos, bustos, placas e troféus.²¹

Semelhantemente à ideia desenvolvida na reportagem de Lúcio de Castro, Pelé aparece novamente como um colaborador do regime, desta vez, não como uma espécie de embaixador ou burocrata, e sim exercendo diretamente seu *métier*, situação em que dificilmente alguém o acusaria de estar contribuindo para o fortalecimento do regime. Ele estaria em conluio com o governo e a CBD para que o feito do milésimo gol servisse não somente para dar uma maior visibilidade a seu feito histórico, mas para que a oportunidade servisse perfeitamente como vitrine para o que o autor denominou de “Brasil-Potência”.

Após cruzar o texto com a tradição biográfica ou jornalística a respeito de Pelé, um detalhe pode ser destacado: a quebra com a popular separação entre “cidadão Edson” tido por “manipulado” que teria apoiado a ditadura, em oposição ao mito Pelé enquanto “jogador extraordinário e herói nacional”. Indo de encontro a essa construção, o texto procura demonstrar que, em primeiro lugar, Pelé agiu com plena consciência política, pois estrategicamente escolheu um lado para se posicionar, de maneira que também sairia politicamente favorecido do episódio. Em segundo lugar, para Agostinho, o apoio de Pelé não se limitou à esfera extracampo, mas estava diretamente ligado à sua atuação como jogador e aos vários gestos simbólicos protagonizados antes das partidas como, por exemplo, o hasteamento da bandeira nacional pelas suas próprias mãos. Sendo assim, a lógica geral de seu texto é que não faria sentido separar o “cidadão” envolvido em política do “jogador” fora de série, pois vida social e atuação dentro de campo estariam indissociáveis. O jogo de Pelé teria se tornado acentuadamente político após entrar em acordo com Santos, CBD e Governo Federal para que a “procrastinação” de seu milésimo gol se desse de maneira eficiente e pudesse beneficiar todas as partes interessadas. Nessas circunstâncias, o simples fato de estar em campo ou não, ou até mesmo em qual posição estaria atuando, seria uma escolha carregada de alto significado político.

Após o milésimo gol, a partida foi interrompida e uma multidão de repórteres e pessoas próximas ao campo passaram a invadir o gramado em direção ao jogador santista, dando início, em seguida, à uma intensa celebração com Pelé sendo carregado. No alto, rodeado por repórteres e visivelmente emocionado, Pelé proferiu um breve discurso que, durante muitos anos, tem sido alvo de intensas disputas por seu sentido: “Pelo amor de Deus, gente! Agora que todos estão ouvindo,

21 AGOSTINHO, Gilberto. *Vencer ou Morrer: futebol, geopolítica e identidade nacional*. Rio de Janeiro: Mauad, 2002.

HISTÓRIA E CULTURAS

faço um apelo especial a todos: ajudem as crianças pobres, ajudem os desamparados. É o único apelo nesta hora muito especial para mim.”²²

De Vaney em seu “A verdade sobre Pelé” (1976), apresenta sua interpretação da fala no Maracanã de forma dura e questionadora, sugerindo explicitamente que teria havido considerável hipocrisia e contradição entre as atitudes e o discurso de Pelé:

Nunca se soube, ao certo, a razão de Pelé encaixar as crianças do Brasil naquele seu enfatizado e repetido (no vestiário, à Rádio Globo), apelo. Do que se soube, com certeza total, foi que o disco vendeu muito. O que até hoje se ignora, inteiramente, é se as *criancinhas pobres* tenham tido alguma participação nos lucros, por que sempre se fez um impenetrável mistério – atribuindo-se à sua modéstia – em torno do espírito caritativo de Pelé. Mas se as *criancinhas* do Brasil houvessem tido algum lucro no comercialmente rendoso apelo de Pelé, pelo menos O Globo [...] teria noticiado a doação feita por Pelé, de seus direitos na vendagem.²³

Opiniões semelhantes à de Neiva passaram a figurar dentre as muitas interpretações que se podia fazer do episódio. Uma das mais recorrentes é a visão que encara o discurso de Pelé como mero jogo de cena ou demagogia de sua parte, sem nenhum peso social ou impacto político relevante. Os pesquisadores Lennita Ruggi e Hilton Costa, em artigo que analisa brevemente o episódio, apesar de ressaltarem a luz que Pelé jogou sobre uma questão social complexa e desprezada que assolava e assola todo o país, afirmam que a declaração do então futebolista pode ser situada no campo do “politicamente correto”, não podendo ser categorizado como um “protesto”. Ambos classificam o ato de Pelé como “profundamente despolitizado”, o que a meu ver, soa como uma crítica à maneira de como foram articuladas as palavras do jogador. Pelo que se pode inferir do texto, os autores estão entre os que compreendem o fato como um discurso vazio e superficial, pois não consideram seu discurso como questionador do status político e social vigente:

No momento de seu milésimo gol, que poderia ter dedicado à mãe, Pelé lembrou das crianças do Brasil. As crianças que sofrem com a exclusão social, roubam carros e professam uma ética da malandragem que não pretende atingir os vizinhos (“só estavam roubando carros de São Paulo”). Se é possível argumentar que, ao reivindicar que “precisávamos cuidar das nossas crianças”, Pelé constrói um discurso de homogeneização e vitimização, por outro lado ele se utilizou de um momento de visibilidade pessoal para expor uma questão social grave e, em larga medida, silenciada (pelo menos na época). Apesar de enfática, a observação de Pelé não é formulada como crítica, estando antes confinada ao espaço do “politicamente correto”, demonstração de afeto/homenagem e, neste sentido, profundamente despolitizada. Ao tratar “sobre os problemas de crescer no Brasil”, o jogador, oriundo de uma família de baixa renda, parece estabelecer um laço de identidade com as crianças em situação de exclusão.²⁴

Se para Lennita e Hilton, a atitude de Pelé está “confinada” a um dado tipo de interpretação que a enxerga como sendo despolitizada e inofensiva nos seus efeitos, não é o que

²² Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=5L20ZTYTAPM>

²³ NEIVA, Adriano. *A verdade sobre Pelé*. Lithografia Ypiranga, 1976, p. 106-107

²⁴ COSTA, Hilton ; RUGGI, Lennita. *Gooodooooo! : Notas sobre mitologias futebolísticas no Brasil e na Argentina*. *Esporte e Sociedade*, ano 6, n.18, setembro, 2011, p. 5.

HISTÓRIA E CULTURAS

pensam outras vozes, desta vez, da mídia esportiva. Os que defendem sua memória com uma postura política mais positiva, tendo nele um símbolo nacional que foi fundamental para nossa formação histórica recente, tanto na questão das identidades política e cultural, como de um imaginário social brasileiro pautado pelo futebol, dirão que, mesmo em suas poucas palavras, Pelé foi extremamente corajoso e ousado em proferir aquele pequeno discurso em rede nacional, sobretudo, pelo contexto em que suas palavras foram ditas, precisamente um ano após o AI-5. Esse é o entendimento do jornalista e comentarista esportivo Paulo César Vasconcellos em depoimento que concede no documentário “O Negro no Futebol Brasileiro” (2018)²⁵, produção baseada no livro homônimo do jornalista Mário Filho, publicado pela primeira vez em 1947. O documentário que foi exibido pelo canal HBO Brasil e dirigido por Gustavo Acioli, celebra os 70 anos da publicação de Mário Filho. Em seu terceiro episódio, a figura e a memória biográfica de Pelé ocupam toda a discussão, sobretudo, pelo que representou para o futebol brasileiro e, logicamente, por ser negro.

Após analisar o debate levantado pelo filme sobre sua fala no Maracanã, bem como os vários olhares sobre o mesmo fato, pode-se perceber que a memória a respeito de Pelé é facilmente manipulável pelos sujeitos para propósitos distintos, tanto para transformá-lo num exemplo de omissão política, como foi o caso de De Vaney, Lennita e Hilton, como para transformá-lo quase em subversivo que teria desafiado as estruturas ditatoriais em pleno AI-5, como relata Paulo César Vasconcellos a seguir:

1969! 69 ele dá um alerta. Era um ato de coragem, era governo Médici e era uma mensagem social, só que dita pelo maior ídolo que o Brasil teve no esporte, e pelo maior jogador de futebol que o mundo conseguiu produzir e conseguirá produzir. [...] Mas como brasileiro gosta de criticar brasileiro, especialmente o que faz sucesso, ninguém prestou atenção na frase que ele disse. [...] Talvez se o Pelé fosse branco, alto, loiro de olhos azuis, poderia ter um outro significado. [...] Talvez inconscientemente houvesse isso, houvesse essa coisa de dizer assim “Pôh, Pelé! Jogador de futebol, né? Mensagem de jogador de futebol? Pôh, esses caras são uns iletrados, não sabem nada”. Aí o pacote é mais amplo, entendeu?

Para Vasconcellos, o elemento racial e da origem social de Pelé foram determinantes para que seu discurso tivesse sido desprezado e ridicularizado no contexto dos anos 60 e, também, nos dias atuais. Com isso, o jornalista levanta a questão do racismo estrutural que atravessa a sociedade brasileira e teria, de fato, atravessado Pelé em sua biografia, ainda que tenha tido grande projeção mundial. O cerne desse pensamento seria a percepção da existência de uma linha limítrofe que divide o prestígio dos jogadores negros para com a sociedade, pois, enquanto jogadores, seriam respeitados em seus ofícios se assim obtivessem sucesso, porém, enquanto sujeitos fora desse lugar social, suas opiniões políticas ecoariam no vazio da falta de credibilidade, dado sua posição de

²⁵ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=5vEMOd9M4to>

HISTÓRIA E CULTURAS

jogador, esta, vista como alienante, desprovida de “cultura” e pobre intelectualmente. Vasconcellos, dessa forma, atualiza em sua fala a memória e põe em cheque, principalmente, as palavras de De Vaney em seu “A verdade sobre Pelé” (1976), acusando-o não diretamente de ter suas críticas norteadas por um olhar racista e de menosprezo pela classe dos futebolistas que, em sua maioria, possuem origem pobre. O historiador Daniel Araújo, que também comenta o episódio no documentário, possui uma linha de raciocínio na mesma direção de Vasconcellos, pois também acredita que para que se criasse toda a polêmica não contra o Governo que desamparava as crianças, mas contra Pelé, pesaram os fatores racial e social. Araújo entende a atitude de Pelé como um ato de subversão de estruturas (dada a política repressiva da Ditadura) com forte teor político, e, a partir desse raciocínio, constrói um curioso argumento: aqueles que criticaram Pelé por sua fala e o acusaram de demagogo, acabaram, ironicamente, despolitizando a fala de Pelé e beneficiando, por eles mesmos, o Regime Militar, que passava incólume às questões sociais graves levantadas pelo jogador:

O Pelé ali ele tá falando pelas criancinhas, né. E quando ele fala das criancinhas ali ele tá falando de Educação, ou seja, o governo brasileiro tinha que dar educação pra aquela criança negra, pobre da favela, porque somente com a educação eles iriam conseguir alguma coisa. Aí eu acho que o preconceito falou muito alto, ou seja, quem é o Pelé pra falar de educação no Brasil? [...] E isso vai ser uma marca, a gente falando aí 50 anos depois eu posso falar que o recado dele foi sensacional e que foi mal compreendido. [...] A gente sempre tem que lembrar que o governo da Ditadura Militar não queria que questões sociais fossem suscitadas. Falar de questões sociais durante a Ditadura Militar sem dúvida alguma não era algo que os militares gostavam muito, então pra eles foi ótimo essa ridicularização do Pelé. Porque não era interessante pra Ditadura o maior jogador do mundo apontar um problema da sociedade brasileira que é a falta de escolas pra crianças. [...] Então quando o Pelé aponta para esse problema e não tem eco na sociedade, isso pros militares é ótimo. Vamos lembrar que os militares na mesma época censuraram o Odair José que em uma música falou que tinha uma criança no sinal pedindo esmola. Essa música foi censurada porque pra Ditadura não podia ter criança no sinal, não podia ter miséria e não podia ter esmola. Então isso ia totalmente contra os tempos de euforia ufanista do Médici.

O biógrafo José Castello, por sua vez, compartilha da mesma percepção política sobre o discurso em sua obra “Pelé, os dez corações do Rei” (2004). Assim como nas falas anteriores do historiador Daniel de Araújo e do jornalista Paulo César Vasconcellos, o autor procura dar sentidos políticos de questionamento do *status quo* da Ditadura à fala do jogador, isso porque, segundo o biógrafo, o grosso da população brasileira, dentre eles os críticos da frase proferida por Pelé, desconheciam por completo a realidade social do país marcada por profunda desigualdade, situação agravada por um regime militar que, enquanto escondia questões sociais graves, se autopromovia através de propagandas oficiais ufanistas em que inexistiam problemas sociais graves.

“Dedico este gol às criancinhas do Brasil.” A frase, dita com emoção espontânea, terminou servindo como uma arma contra o próprio Pelé, uma síntese dos estigmas que sempre recaíram sobre ele: a de um jogador fabuloso, sem dúvida, mas simplório, conservador, sentimentalista, sem consciência política, alguém que se deixava manipular facilmente.

HISTÓRIA E CULTURAS

Argumentos, é claro, muito discutíveis. [...] É interessante ouvir essa frase hoje, mais de 30 anos depois, não como um sinal de fraqueza e de ignorância, mas como uma premonição, um forte pressentimento da situação que, em pleno regime militar, já se desenhava para o país. [...] As cidades brasileiras, as favelas, as ruas já estavam, e estão cada vez mais, cheias de crianças, adolescentes [...] armados, traficando drogas, cheirando cola, no mais absoluto abandono. Isso, que hoje não é novidade para ninguém, nem para o mais desinformado dos torcedores, na época do Brasil Grande dos generais, era. Muitos estavam iludidos com a propaganda oficial de um Brasil enriquecido; a referência à pobreza soou demagógica, e mesmo falsa. Quando, na verdade, carregava um aspecto premonitório, senão profético. E, ainda mais que isso, um grande realismo.²⁶

O argumento de Castello inverte a posição de Pelé em relação a seus críticos; para os quais o ex-jogador seria demagogo, alienado, desinformado e manipulado. Para o biógrafo, esta posição seria ocupada justamente por aqueles que tanto o criticaram e continuam a criticar a dedicatória do gol mil, pois seriam, na verdade, os maiores manipulados pelo regime militar justamente por não conhecerem a real situação de precariedade social do Brasil da década de 1960. Nesse sentido, Pelé seria, segundo esse pensamento, um subversivo sutil das estruturas que escondiam a crise humanitária da população, e um visionário que teria seu discurso atual até os dias de hoje.

134

Conclusão

Por fim, este foi, portanto, mais um campo de disputa da memória do ex-jogador Edson Arantes do Nascimento, cuja relevância e simbologia extrapolou consideravelmente o campo esportivo. Todas as intrigas a respeito de sua trajetória carregam consideráveis diferenças entre si e acabam apontando para determinados projetos de nação (Mário Filho, Nelson Rodrigues, protestos de 2013) e interpretações da história recente do Brasil (biógrafos e jornalistas). É no campo da memória e do debate público que se dá o embate de todas as narrativas, estas, por sua vez, permeadas por escolhas e silêncios que diferem de autor para autor. O trabalho de cruzamento de fontes possui o objetivo de demonstrar que o mito nunca está cristalizado, acabado, mas em permanente mutação e diálogo com o seu tempo, gerando, da mesma forma, tensão e disputa por legitimidade das memórias. O tenso pêndulo da memória que oscila no debate público entre o “Réu” e o “Rei” e suas implicações na história, na nação e nas identidades nacionais, é bem mais amplo e continua em permanente construção, mobilizando cada vez mais representações e questões que tocam no cerne da cultura e identidade nacional.

26 CASTELLO, José. *Pelé – os dez corações do rei*. Ediouro, 2004.